

MEC 63

MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE
2010

VENDA
PROIBIDA

O casamento da princesa

CELSO SISTO

ILUSTRAÇÕES DE SIMONE MATIAS

Obra atualizada
conforme o
Acordo
Ortográfico da
Língua
Portuguesa

PRUMO



Conto popular da África Ocidental

A beleza andava de mãos dadas com a princesa Abena, pois tinha reunido numa só pessoa um harmonioso pescoço alongado, um rosto arredondado e seios grandes.

O Rei, seu pai, sorria para si e para o mundo cada vez que constatava, com os próprios olhos, a formosura da filha. E por isso acreditava que seria fácil casá-la, quando chegasse a hora.

A sucessão dos anos só aumentava a perfeição dos traços de Abena. Além de tudo, ela tinha ainda a ajuda dos magníficos trajes que usava: sempre envolta nos mais belos tecidos e vestimentas; sempre adornada com os mais fulgurantes colares e brincos; sempre emergindo do colorido das roupas, como a mais nobre visão da beleza.







A notícia da suprema graça de Abena circulou pelas tribos, atravessou os mares, subiu aos céus, correu por toda a África tropical. Mas só quando os habitantes dos mais distantes povoados começaram a chegar para ver com seus próprios olhos a princesa mais linda do mundo, é que chegaram também os pedidos de casamento. Os primeiros pretendentes à mão da princesa foram o Fogo e a Chuva.



A Chuva surgiu de repente, meio às escondidas, usando um kente* único, feito da mais pura seda, especialmente para aquela ocasião. Pedir a mão daquela princesa exigia roupa adequada e padronagem nunca antes vista!

Nem é preciso dizer que Abena logo se encantou com os modos de seu primeiro pretendente. O olhar molhado, o corpo lúcido, as palavras que rolavam feito água cantante ficaram ainda mais bonitas nos versos que ele chuviscou em seus ouvidos:

O olhar do amor fez passear o passarinho, que, assim baixinho, trouxe água do seu bico até seu ninho...

* Traje típico do povo Ashanti.







Na manhã seguinte, mal a claridade do dia luziu no horizonte, lá estavam o Fogo e a Chuva nas terras do Rei. Vinham certos de que em breve também fariam parte de tudo ali, casando-se com a princesa Abena. Mas um ainda não sabia do outro.

O Rei veio recebê-los, e sem rodeios disse que já havia decidido a data para o casamento da filha.

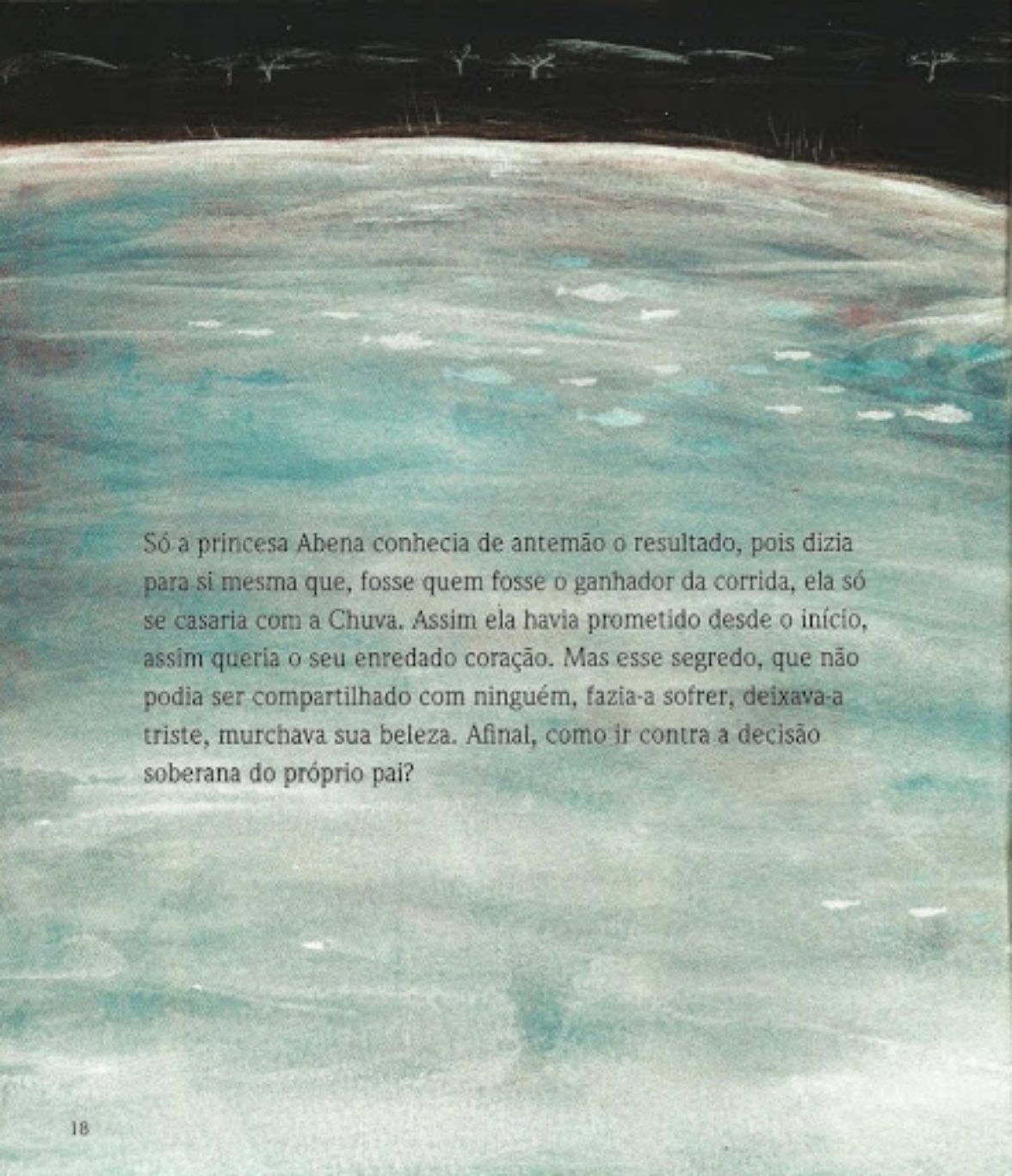
– O meu casamento com ela? – perguntaram o Fogo e a Chuva ao mesmo tempo!

Só então se deram conta de que alguma coisa estava errada. Mas o Rei apressou-se em dizer:

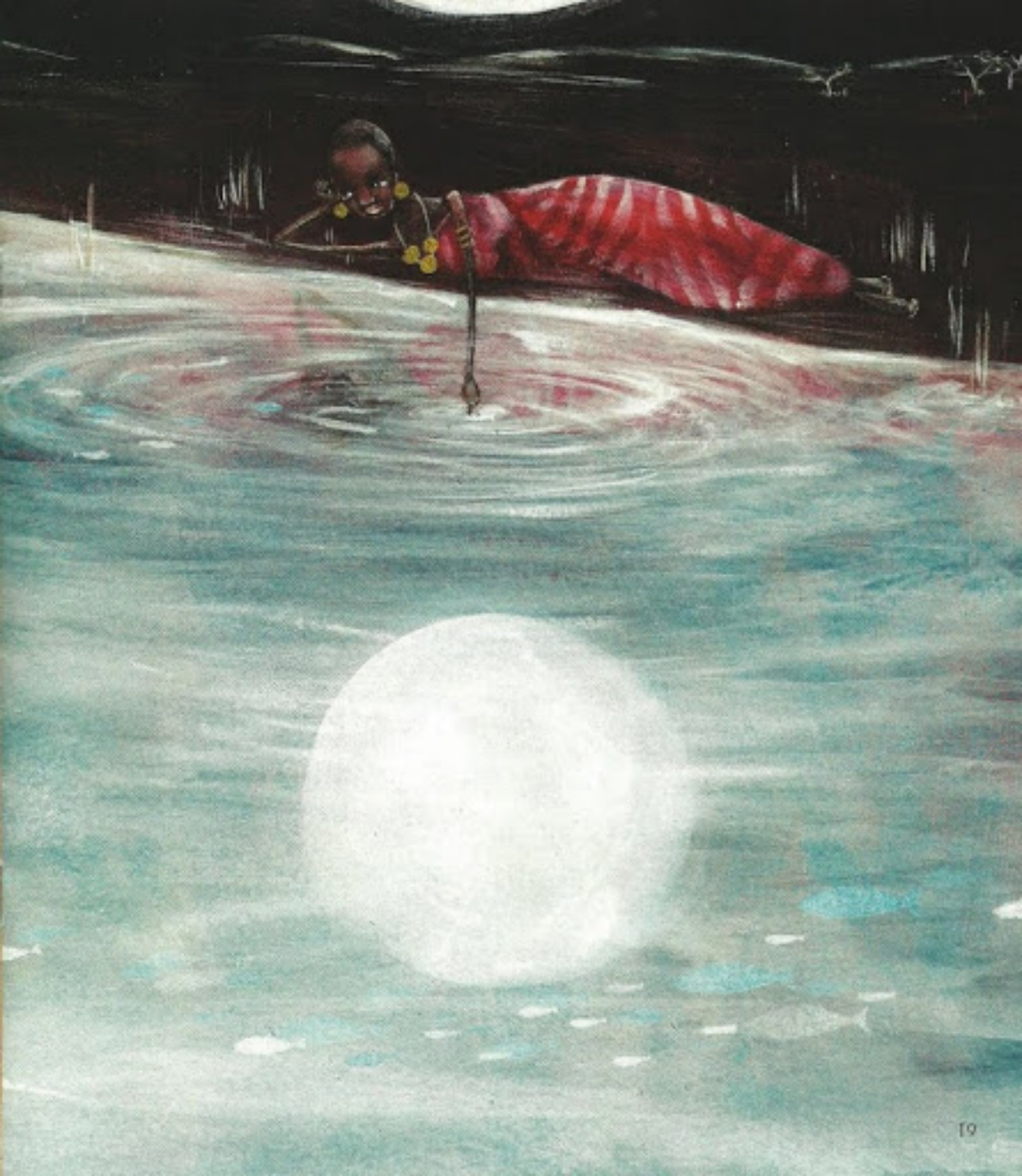
– A princesa Abena vai se casar com o vencedor da corrida que organizei para o dia do seu casamento!

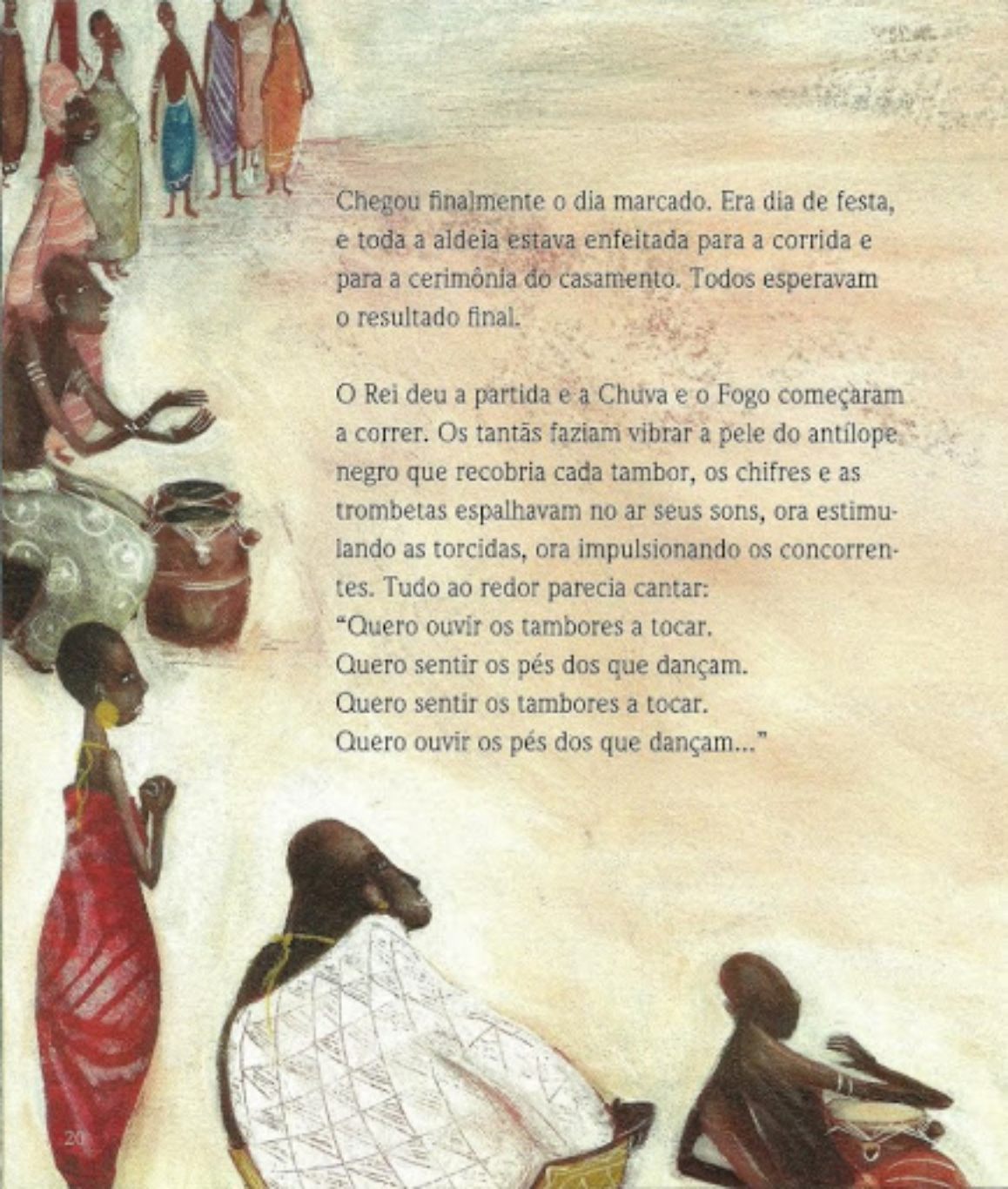


A notícia espalhou-se como chuva miúda. A notícia correu como um rastro de fogo. Em toda a África Ocidental não se falava em outra coisa a não ser na tal disputa pela mão da princesa! Havia os que apostavam no Fogo. Era grande o número dos que torciam pela Chuva.



Só a princesa Abena conhecia de antemão o resultado, pois dizia para si mesma que, fosse quem fosse o ganhador da corrida, ela só se casaria com a Chuva. Assim ela havia prometido desde o início, assim queria o seu enredado coração. Mas esse segredo, que não podia ser compartilhado com ninguém, fazia-a sofrer, deixava-a triste, murchava sua beleza. Afinal, como ir contra a decisão soberana do próprio pai?



An illustration depicting a village scene. In the upper left, a group of people in traditional robes are walking. In the middle left, a person is seated next to a large drum. In the lower left, a person in a red robe stands. In the lower center, a person is seated with a large, patterned shawl. In the lower right, a person is seated with a drum. The background is a light, textured wash.

Chegou finalmente o dia marcado. Era dia de festa, e toda a aldeia estava enfeitada para a corrida e para a cerimônia do casamento. Todos esperavam o resultado final.

O Rei deu a partida e a Chuva e o Fogo começaram a correr. Os tantãs faziam vibrar a pele do antilope negro que recobria cada tambor, os chifres e as trombetas espalhavam no ar seus sons, ora estimulando as torcidas, ora impulsionando os concorrentes. Tudo ao redor parecia cantar:

“Quero ouvir os tambores a tocar.
Quero sentir os pés dos que dançam.
Quero sentir os tambores a tocar.
Quero ouvir os pés dos que dançam...”





O Fogo estava ganhando. Havia no ar um vento que o ajudava a multiplicar as chamas e a alastrar-se rapidamente. Por mais esforço que fizesse a Chuva, suas gotas eram insuficientes para colocá-la na frente. Ao contrário, quanto mais vertia água, mais pesada ficava, e mais terreno perdia! O Fogo foi avançando, deixando para trás apenas as cinzas do que tocava com todo o seu calor e potência. Já era quase o vencedor...

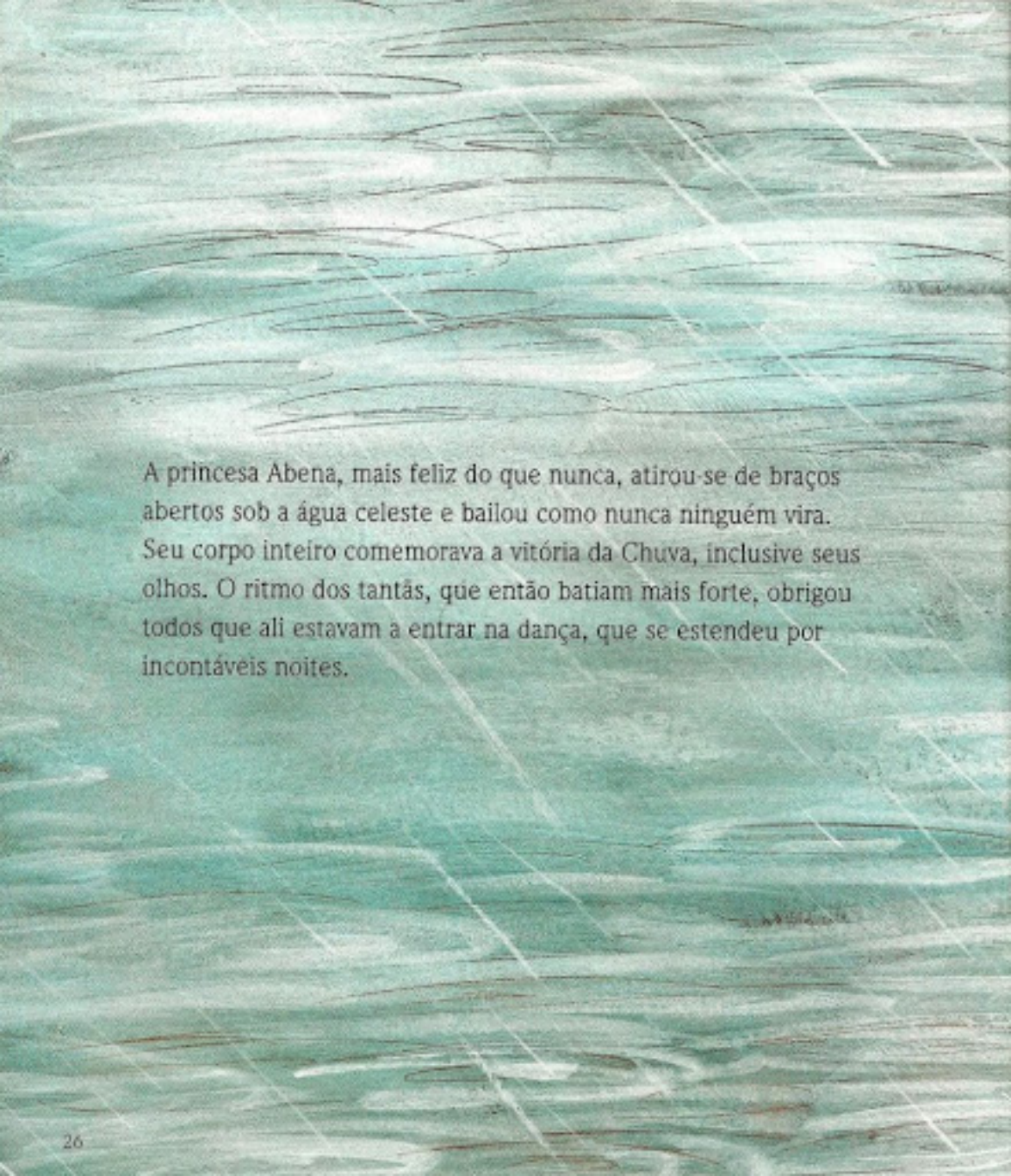


Mas, no momento da chegada, ali onde já evoluíam os rituais e o povo se aglomerava, eis que o Céu lançou um imenso rugido. Um trovão, que foi ouvido desde as águas do golfo até as paredes das montanhas, ecoou no ar. E foi o suficiente para, em seguida, desabar o maior aguaceiro de que já se teve notícia.

Uma cortina de chuva despencou com a força de uma imensa manada de elefantes correndo pelas savanas, impedindo qualquer um de ver um palmo diante do nariz. Chuva da espessura do mundo, rápida, brilhante, quebrando-se nas folhas, fustigando as pedras, martelando o chão. O Fogo, que avançava destemido, apagou-se a poucos metros da linha de chegada. E a Chuva, enfim, foi declarada vencedora!

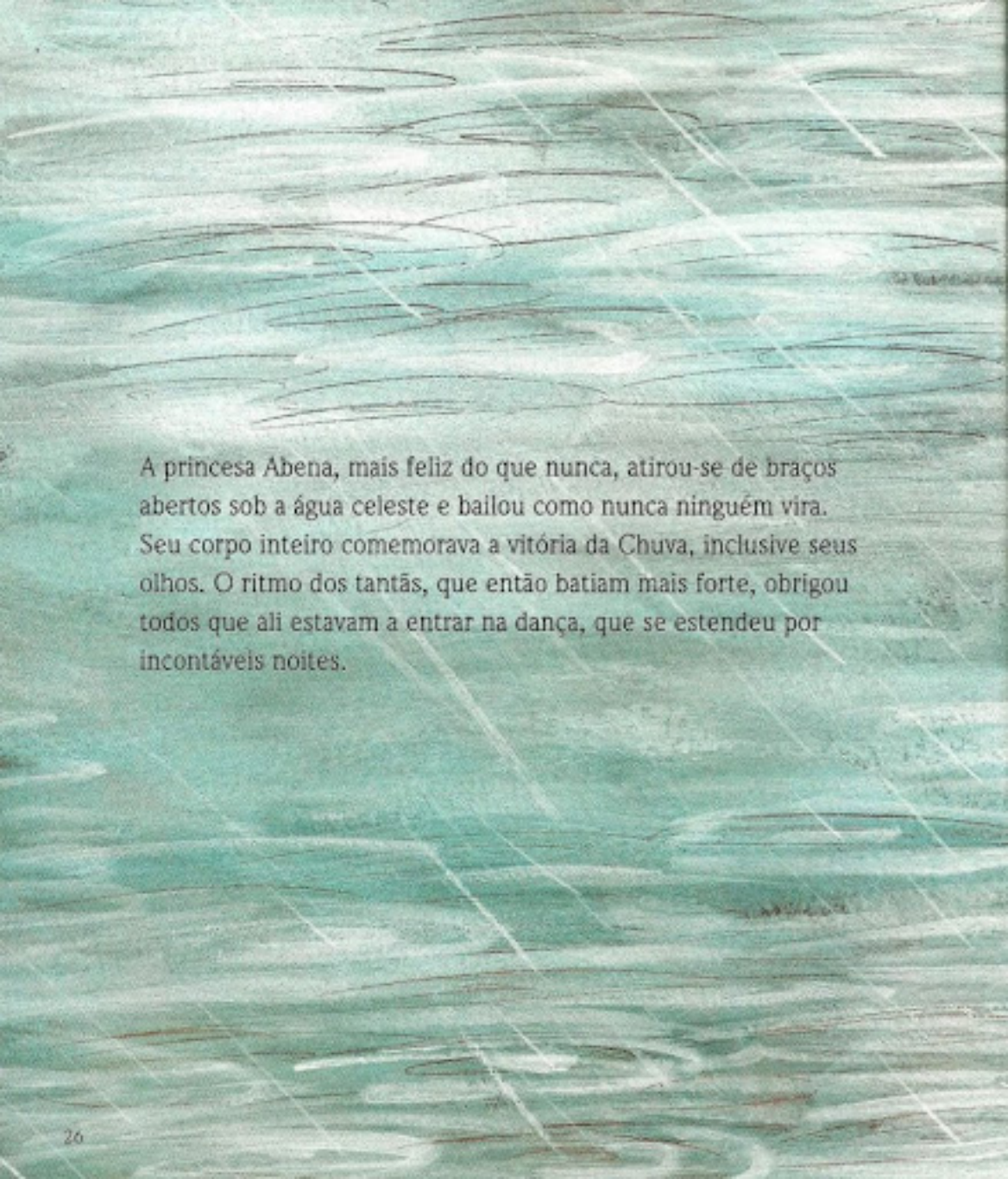






A princesa Abena, mais feliz do que nunca, atirou-se de braços abertos sob a água celeste e bailou como nunca ninguém vira. Seu corpo inteiro comemorava a vitória da Chuva, inclusive seus olhos. O ritmo dos tantãs, que então batiam mais forte, obrigou todos que ali estavam a entrar na dança, que se estendeu por incontáveis noites.





A princesa Abena, mais feliz do que nunca, atirou-se de braços abertos sob a água celeste e bailou como nunca ninguém vira. Seu corpo inteiro comemorava a vitória da Chuva, inclusive seus olhos. O ritmo dos tantãs, que então batiam mais forte, obrigou todos que ali estavam a entrar na dança, que se estendeu por incontáveis noites.

Daquele dia em diante, o Fogo e a Chuva tornaram-se inimigos mortais. Só uma coisa não teve mais jeito: toda vez que chove forte, as pessoas param o que estiverem fazendo e põem-se a bailar debaixo da água que cai do Céu, tudo, tudo ainda para comemorar o casamento da princesa.

